

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

MARCOS VINICIUS SOUZA SILVA

**Estudo analítico-comparativo da variedade linguística
nordestina do século XX com base no manuscrito de “O
Soldado Amarelo”, de Graciliano Ramos**

São Paulo

2019

Marcos Vinicius Souza Silva

Nº USP: 11284210

**Estudo analítico-comparativo da variedade linguística
nordestina do século XX com base no manuscrito de “O
Soldado Amarelo”, de Graciliano Ramos**

Trabalho de conclusão da disciplina de
Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa
I do Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas da Universidade de São Paulo, sob
orientação do Prof. Dr. Sílvio de Almeida
Toledo Neto.

São Paulo

2019

RESUMO

Este trabalho tem por intuito uma análise diacrônica da variedade linguística nordestina da primeira metade do século XX, tendo como base quatro páginas do manuscrito original de “O Soldado Amarelo”, de Graciliano Ramos. Foram empregados métodos de pesquisa filológicos, analíticos e comparativos em arquivos pessoais, sites da internet, livros e artigos científicos na composição do trabalho. Através da pesquisa, pôde-se analisar a origem e a posição do dialeto nordestino como uma variante da Língua Portuguesa, além da razão de sua utilização na obra de Graciliano, contrapondo-a à norma-padrão e analisando o aspecto semântico-lexical da modalidade linguística empregada na obra.

Palavras-chave: Variedade Linguística Nordestina. Português Brasileiro. Século XX. Acordo Ortográfico de 1931. Graciliano Ramos. Vidas Secas. O Soldado Amarelo. IEB.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. MATERIAL E MÉTODO.....	1
3. FAC-SÍMILES E TRANSCRIÇÕES ORTOGRÁFICAS DO MANUSCRITO.....	2
3.1. FAC-SÍMILE 1.....	2
3.2. TRANSCRIÇÃO FAC-SÍMILE 1.....	3
3.3. FAC-SÍMILE 2.....	4
3.4. TRANSCRIÇÃO FAC-SÍMILE 2.....	5
3.5. FAC-SÍMILE 3.....	6
3.6. TRANSCRIÇÃO FAC-SÍMILE 3.....	7
3.7. FAC-SÍMILE 4.....	8
3.8. TRANSCRIÇÃO FAC-SÍMILE 4.....	9
4. VARIEDADE LÍNGUISTICA NORDESTINA: ENFOQUE HISTÓRICO- SOCIAL.....	10
5. A INSERÇÃO DE GRACILIANO RAMOS À VARIEDADE LINGUÍSTICA NORDESTINA E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA REGIONALISTA.....	11
6. TERMOS COMUNS À VARIEDADE LINGUÍSTICA NORDESTINA PRESENTES NO MANUSCRITO E SUA CONTRAPOSIÇÃO À NORMA- PADRÃO.....	12
7. A NÃO ADESÃO DE GRACILIANO RAMOS AO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1931.....	14
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	16

1. INTRODUÇÃO

É cabível afirmar, de antemão, que a língua é um organismo vivo e, assim sendo, suscetível a mudanças e a variações dialetais. Portanto, tal artigo apresenta um estudo analítico-comparativo da variedade linguística nordestina, contrapondo-a à norma-padrão escrita da Língua Portuguesa, difundida por aparelhos de referência prescritivo-normativos que, segundo Aléong (1983), tratam-se de gramáticas, dicionários, imprensa escrita e até mesmo a norma considerada legítima por meio das academias.

Sendo o uso da língua o determinante para a criação de variedades linguísticas, este estudo tem como objetivo central a análise do uso por habitantes da Região Nordeste do Brasil, mais precisamente durante a primeira metade do século XX, tendo como base o manuscrito de uma obra literária, cujo autor representa, tanto em sua trajetória de vida, como na construção de seus personagens, características e registros linguísticos dessa região.

Para tanto, além da análise de traços morfossintáticos, é também alvo de pesquisa deste trabalho o aspecto semântico-lexical da modalidade linguística empregada na obra de Graciliano Ramos, suas digressões e características gramaticais inerentes à época e ao contexto social.

2. MATERIAL E MÉTODO

Para a composição do trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas em sites da internet, livros e artigos científicos, além de consulta ao arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, situado no Espaço Brasiliana, na Av. Prof. Luciano Gualberto, 78, na cidade de São Paulo – SP.

O procedimento utilizado na investigação filológica foi o de leitura, análise e transcrição do manuscrito de “O Soldado Amarelo”, composto originalmente por 30 páginas, contidas 4 delas no corpus deste trabalho, sendo o manuscrito preservado e mantido pelo Arquivo IEB – USP, Fundo Graciliano Ramos, código de referência GR-M-01,12. O manuscrito data de 6 de setembro de 1937, compondo posteriormente o original do romance Vidas Secas, em 1938, publicado pela Editora José Olympio.

O método de pesquisa empregado tem como perspectiva teórica diacrônica, uma vez que analisa um documento histórico do século XX e busca explorar suas características gramático-dialetais inerentes à época de composição.

3.2. TRANSCRIÇÃO FAC-SÍMILE 1

|| 1r. ||¹

O Soldado Amarello

~~abe~~ <Fabiano> ~~<abe>~~ mettem-se na vereda que ia
 desembocar na lagoa secca, torrada, coberta de catingueiras
 e capões de mato. Ia pesado, ~~abe~~ o aiol ~~abe~~
 5 cheio a tiracollo, uma porção de lategos e chocalhos pendurados
 <num> braço. O facão ~~abe~~ batia nos tocos.
~~abe~~ <Espiaava> o chão como de costume, decifrando ~~abe~~
~~abe~~
~~abe~~
 10 ~~abe~~ rastos. Conheceu os da egua russa e da cria,
~~abe~~
 marcas de cascos grandes e pequenos. A egua russa, com ~~abe~~
 certeza. Deixara pêlos num tronco de angico. Urinara na
~~abe~~
 15 ~~abe~~
~~abe~~
~~abe~~
~~abe~~ arcia e o mijo desman-
 chara <as pegadas>, o que não aconteceria se se tratasse dum
 20 cavallo.
 Fabiano ia desprecatado, ~~abe~~ <observando esses sinais>

¹Seguiu-se a numeração original dada pelo autor e não foi numerado o verso, pois se trata de um manuscrito anopistógrafo.

3.4. TRANSCRIÇÃO FAC-SÍMILE 2

|| 2r. ||

2

~~abe~~ e outros que se cruzavam, de viventes menores.
 Corcunda, parecia farejar o ~~abe~~ <solo – e a> catinga deserta ani-
 25 mava-se, os bichos que ~~abe~~ <ali tinham ~~abe~~-passado> voltavam, appare-
 ciam-lhe diante dos olhos miudos. ~~abe~~
 Seguiu a direcção que a egua havia tomado. Andara
 cerca de cem braças quando o cabresto do cavallo que trazia
 30 ~~abe~~
 no hombro se enganchou num pé de quipá. Desembaraçou
 o cabresto, puxou o facão, ~~abe~~ poz-se a cortar ~~abe~~
~~abe~~ <os> quipás e as palmatorias que ~~abe~~
 interrompiam a passagem.
 35 Tinha feito um estrago feio, ~~abe~~ <a terra se cobria>
 de palmas espinhosas. Deteve-se percebendo um rumor de
 garranchos, voltou-se ~~abe~~ e deu de
 cara com o soldado amarello que, um anno antes, ~~abe~~
 o levara à cadeia, onde elle aguentara uma surra e passara
 40 a noite. Sem reconhece-lo, baixou a
~~abe~~
~~abe~~

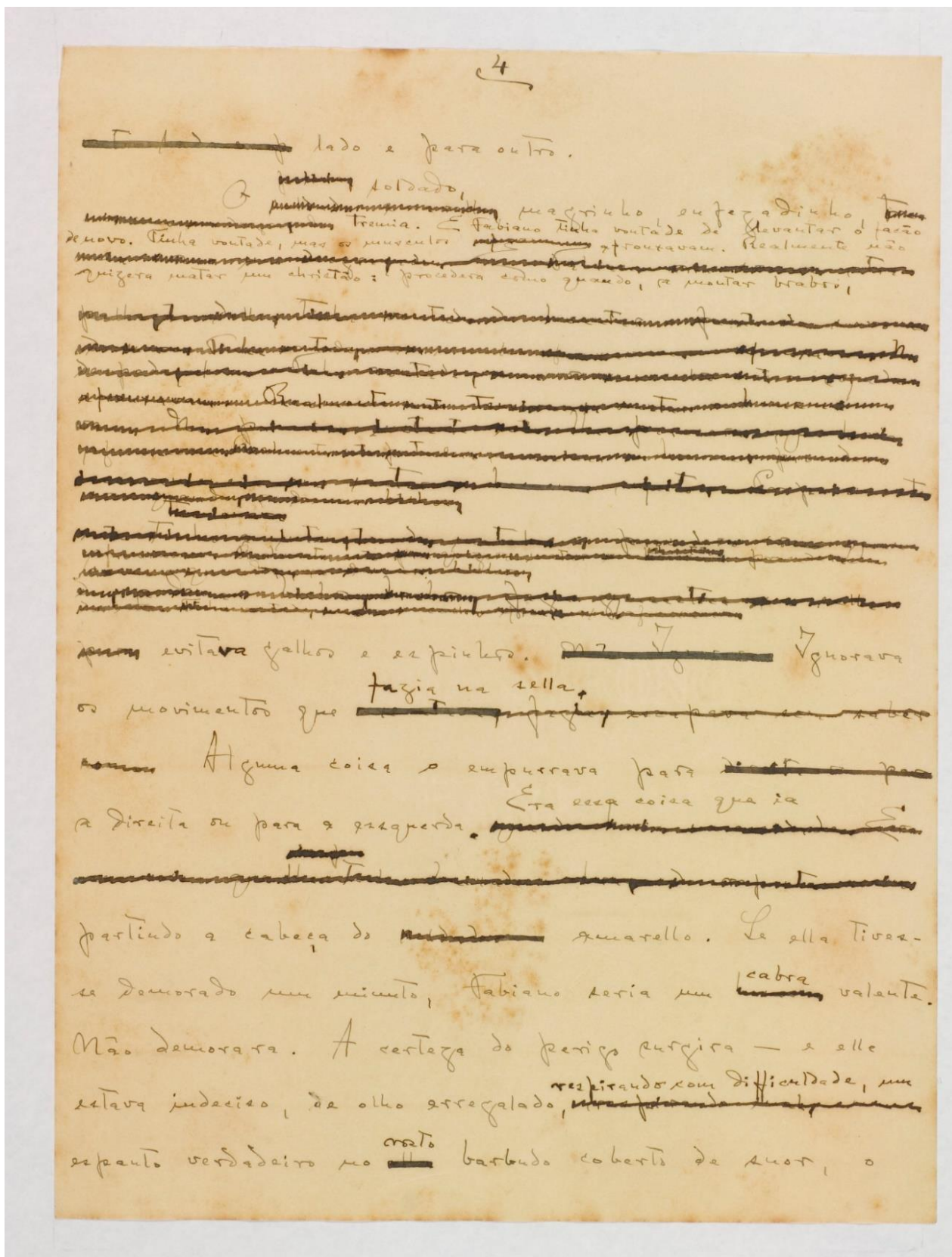
3.6. TRANSCRIÇÃO FAC-SÍMILE 3

|| 3r. ||

3

arma. ~~abe~~ Aquilo durou um segundo. Menos: durou
 45 uma fracção de segundo. Se houvesse durado mais tempo,
~~abe~~ o amarello teria cahido esperneado na poeira, com o
 quengo rachado. Como o impulso que moveu o braço de
 Fabiano foi muito forte, o gesto que elle fez teria sido
~~abe~~ <bastante para um homicidio> se outro impulso não lhe
 50 ~~abe~~ <dirigisse> o braço em sentido contrario. ~~abe~~
 A lamina ~~abe~~
~~abe~~ parou de chofre, junto à cabeça do ~~abe~~
~~abe~~
~~abe~~
 55 intruso, bem em cima do bonnet vermelho. A principio o vaqueiro não
~~abe~~
~~abe~~
~~abe~~ comprehendeu nada. ~~abe~~ Viu apenas que estava ali um inimigo. ~~abe~~
~~abe~~ De repente
 60 ~~abe~~ notou que aquillo era um homem e, ~~abe~~
~~abe~~ coisa mais grave, uma auctoridade. ~~abe~~ <Sentiu um>
~~abe~~ <choque violento, deteve-se, o braço
 ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para um ~~abe~~

3.7. FAC-SÍMILE 4



4. VARIEDADE LÍNGUISTICA NORDESTINA: ENFOQUE HISTÓRICO-SOCIAL

A variedade linguística nordestina constitui-se como uma variante da Língua Portuguesa utilizada e difundida pelos habitantes da Região Nordeste do país, a qual carrega traços fortes e marcantes da cultura e história de seu povo.

No entanto, tal modalidade da língua não se restringe apenas ao seu local de origem, uma vez que a migração é constante em todo o Brasil, tendo sido presenciada em maior escala em meados do século XX, em que a seca do sertão e a promessa de vida próspera no sudeste do país levou diversas famílias a articularem suas mudanças.

Tal fato é retratado na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, em que os personagens principais fogem da seca e da miséria do sertão enquanto procuram meios de sobrevivência pelos caminhos entrecruzados, se deparando com adversidades e homens que põem à prova a efetivação de sua vontade sagaz de prosperarem na região auspiciosa do Brasil.

Desse modo, sendo a língua um retrato das características de seus falantes, a variedade linguística nordestina, em termos fonéticos, segundo Bagno (1999), apresenta palatalização como justificativa da variação oral de suas palavras, o que contribui para a formação do sotaque.

Arelado a esse fator, o falar nordestino carrega consigo a identidade cultural da formação de seu povo, trajado de vasta diversidade e expressividade sociocultural, tendo como característica, além de outros fatores, o analfabetismo. Tal evidência não se configura somente ao passado, uma vez que, segundo dados do IBGE em pesquisa realizada em 2017, a Região Nordeste do Brasil apresenta a maior taxa de analfabetismo (14,8%) do país. Marcos Bagno, anos anteriores comentava o que apresentaria o dado:

O que está em jogo não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é atrasado, pobre, subdesenvolvido, então as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam devem ser consideradas assim. (BAGNO, 1999, p. 46)

A junção de todos esses elementos, ao serem colocados frente à frente a um falar polido, culto e visto como de grande prestígio social, acarreta a formação de diversos preconceitos, os quais posicionam a variedade linguística nordestina como inferior às demais, desconsiderando sua identidade social e sua formação histórica, mesmo que tal modalidade da língua se configure como uma das primeiras a serem utilizadas no país, visto que o Brasil foi colonizado, primordialmente, em terras nordestinas.

5. A INSERÇÃO DE GRACILIANO RAMOS À VARIEDADE LINGUÍSTICA NORDESTINA E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA REGIONALISTA

Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo, no interior do estado do Alagoas, em 1892, tendo vivido boa parte de sua vida em terras nordestinas, firmando moradia na então capital do Brasil, Rio de Janeiro, somente após ser libertado do presídio onde esteve encarcerado sob motivações políticas.

Desse modo, pode-se afirmar que o autor de *Vidas Secas* teve grande representação do contexto social, histórico e linguístico nordestino em sua vida, vistas as suas origens e vivências. Tal fato contribuiu para que Graciliano se configurasse como grande nome da prosa regionalista brasileira, produzindo narrativas em que personagens das camadas mais inferiores da sociedade fossem retratados não apenas como coadjuvantes, mas sim como peças-chave de seus livros, desenvolvendo relações sociais banais e simplórias com a natureza nordestina que os permeavam e também com os outros homens.

Em “História Concisa da Literatura Brasileira”, Bosi (1994, p. 403) traz um breve comentário sobre a produção de Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, seu principal romance:

A rejeição assume dimensões naturais, cósmicas, em *Vidas Secas*, a história de uma família de retirantes que vive em pleno agreste os sofrimentos da estiagem. É supérfluo repetir aqui o quanto o esforço da objetivação foi bem logrado nessa pequena obra-prima de sobriedade formal. *Vidas Secas* abre ao leitor o universo mental esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar: o “dono”, o “soldado amarelo” ...

Tomando como base a citação do literato, é possível afirmar que Graciliano teve grande influência de características da ambientação nordestina na composição de sua obra, levando em consideração não apenas elementos ficcionais, mas também fatos do cotidiano vividos por muitos na época. Sendo assim, é passível de observação, em *Vidas Secas*, a presença de variedade linguística restrita à Região Nordeste do século XX, configurada como um polo de miséria social e com vasta presença de população com baixo letramento, tal como pode ser visto no trecho a seguir:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (Ramos, 2003, p. 20)

O trecho mostra evidências de que os personagens apresentam características tão rudimentares ao ponto de desenvolverem uma linguagem própria, com características de homens selvagens, vista a presença de animalização no enredo de Graciliano. Parcas palavras, monossílabos, dialetos próprios: tais elementos confundem-se na obra e não se sabe em que ponto se trata de traços linguísticos do autor transpassados para a obra ou de variações arquitetadas aos seus personagens.

Outro ponto a ser ressaltado, trata-se do âmbito da comunicação social quase inexistente entre os próprios personagens que constituíam a família de Fabiano, o personagem principal, muito menos dos personagens com os outros seres que compunham a narrativa. A comunicação baseava-se em grande parte em grunhidos e gestos, realçando o fato de que a miséria financeira, social e intelectual dos retirantes era tanta que não eram capazes de expressarem-se utilizando de forma clara a Língua Portuguesa, mas sim uma variedade linguística própria construída através de suas vivências.

6. TERMOS COMUNS À VARIEDADE LINGUÍSTICA NORDESTINA PRESENTES NO MANUSCRITO E SUA CONTRAPOSIÇÃO À NORMA-PADRÃO

A princípio, cabe definir o que é “norma-padrão”. Marli Quadros Leite (2005, p. 188) divide a língua em dois aspectos: sistema e norma, em que define o primeiro como um conjunto de possibilidades de realizações, já o segundo como um conjunto de entidades prescritivas, as quais referem-se às regras e forma “padrão” de uso da língua. Ou seja, norma-padrão diz respeito à forma considerada correta de comunicar-se em uma determinada língua, em especial a Língua Portuguesa, constituindo-se de diversas regras prescritas por gramáticas e cultuadas pelas academias, dotando-a de prestígio intelectual.

No entanto, dada a existência de diversos fatores sociais, econômicos e geográficos, a língua constitui-se de um mecanismo flexível, o qual adapta-se ao contexto utilizado, ao seu enunciador e ao seu local de uso. Portanto, existem as diversas variedades linguísticas, as quais vão contra a norma-padrão e se estabelecem como forma de comunicação original de determinada região, falante ou contexto social.

Desse modo, a seguir se fará uma análise comparativa sobre a variedade linguística nordestina presente no manuscrito das 4 páginas iniciais de “O Soldado Amarelo”,

correspondente, no contexto da narrativa, a pessoas de baixo grau social, e se elencará uma comparação dos termos ao que rege a norma-padrão da língua.

Para fins didáticos, separou-se os termos referentes à variedade linguística nordestina contidos no manuscrito em três categorias: substantivos, adjetivos e expressões.

No campo dos substantivos, destacam-se:

- 1) O termo “Aiol”, o qual houve mudança na grafia desde a composição de Vidas Secas, e na atualidade é comumente utilizado pelos falantes como “Aió”, que se refere a uma espécie de bolsa típica nordestina, em que se guardam diversos objetos;
- 2) O termo “Lategos”, que se refere a chicotes ou açoites;
- 3) O termo “Tocos”, usado para se referir às pernas magras do personagem Fabiano.

No campo dos adjetivos, destaca-se:

- 1) O termo “Desprecatado”, que se refere ao ato de não estar calçado, ou seja, sem proteção nos pés, sendo derivado da palavra “Precata”, que se refere a chinelo.

No campo das expressões, destacam-se:

- 1) A expressão “Dum”, comumente utilizada na forma coloquial do português, em especial na linguagem oral, tratando-se de uma junção da preposição “de” + o artigo indefinido “um”;
- 2) A expressão “Andara cerca de cem braças”, que se refere a uma unidade de medida feita com os braços, ou seja, o personagem a que se refere a expressão andara por um percurso de cerca de cem braços de comprimento;
- 3) A expressão “Quengo rachado”, que diz respeito a uma fratura no queixo, parte do corpo humano pertencente à face.

Tais termos aqui apresentados e contidos no manuscrito original não são passíveis de julgamentos negativos, uma vez que tratam de uma variedade da língua, a qual se difere da norma-padrão, sendo ambas utilizadas e aceitas pela Língua Portuguesa.

7. A NÃO ADESÃO DE GRACILIANO RAMOS AO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1931

Com base em parte do manuscrito original de Vidas Secas aqui apresentado e transcrito ortograficamente, é perceptível o fato de que Graciliano Ramos não foi fiel ao Acordo Ortográfico de 1931 na composição de sua obra, visto que escreveu a narrativa no período de 1937-1938 e por opção pessoal não aderiu à mudança. Tal acordo foi feito entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, buscando a uniformidade da escrita nacional e um paralelismo à ortografia oficial portuguesa empregada com a Reforma Ortográfica de 1911.

O Decreto Nacional Nº 20.108, de 22 de julho de 1931, pregava, dentre várias mudanças, a eliminação de consoantes geminadas, as quais podem ser encontradas no manuscrito de Vidas Secas, descritas na tabela abaixo e comparadas à proposta de mudança de 1931:

FORMA UTILIZADA NO MANUSCRITO EM 1937 / O QUE PREGAVA O ACORDO DE 1931

Amarello	Amarelo
Anno	Ano
Appareciam	Apareciam
Aquillo	Aquilo
Cabello	Cabelo
Cavallo	Cavalo
Difficuldade	Dificuldade
Elle	Ele
Metteu	Meteu
Secca	Seca
Sella	Sela
Tiracollo	Tiracolo

Vale ressaltar que eram exceções de tal regra os “ss” e “rr”, tais como em: “nosso” e “carro”, além do o grupo “cç” quando soarem distintamente: “sucção”, “secção”.

Outro ponto que é cabível de observação, trata-se do uso de consoantes mudas, que foram eliminadas com o Acordo de 1931, porém utilizadas por Graciliano 6 anos depois, como no termo “signais”, em contraposição à forma correta “sinais”.

Não se tem a informação exata do porquê Graciliano Ramos utilizou uma grafia que ia contra o Acordo vigente na composição de sua obra, no entanto, há a possibilidade de o autor ter levado em consideração a valorização estética da duplicação de consoantes na composição de “Vidas Secas”, ou qualquer eventual razão restrita às particularidades autorais. De qualquer modo, é resguardada a liberdade de expressão artística do escritor na composição de seu livro e cabe somente a este artigo a análise do uso da variante.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da investigação foram analisados aspectos gramaticais, linguísticos, históricos, culturais e sociais do uso e da formação do dialeto nordestino à luz do manuscrito de parte da obra de Graciliano Ramos, o qual serviu como base de descrição da variedade linguística e sua análise comparativa à norma-padrão da língua. Além disso, foram explorados detalhes em relação ao próprio manuscrito: sua formação, importância e adequação ao contexto linguístico e social da época, suscitando reflexões e questionamentos sobre sua contribuição à literatura e à língua.

Com base no manuscrito de “O Soldado Amarelo” foram analisados diversos aspectos da língua. No que tange aos aspectos semântico-lexicais, foram analisados a variação e a combinação dos usos de termos e o seu significado correspondente ao contexto utilizado. Em se tratando de morfossintaxe, o artigo analisou o nível da estrutura e descrição das formas das palavras e as regras em relação à formação das frases.

Em relação à variedade linguística nordestina, foram levantadas características a respeito de seu uso, formação e ambientação social, dando enfoque à utilização por falantes pertencentes ao século XX. Foi evidenciado, também, o posicionamento dessa variante frente ao prestígio social, em relação não só à norma-padrão, mas também a outras variantes existentes no Brasil, fazendo um quadro comparativo da variedade nordestina com relação aos seus falantes e suas características psicossociais, as quais contribuíram para a construção dessa modalidade linguística.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DECRETO No 20.108, DE 22 DE JULHO DE 1931. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D20108.htm.

Bosi, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.

Ramos, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Leite, Marli Quadros. Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística. In: Silva, Luiz Antonio da (Org.) A língua que falamos. São Paulo: Globo, 2005.

Arquivo IEB – USP, Fundo Graciliano Ramos, código de referência GR-M-01,12.

Bagno, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.